

Ecologia Integral: A Corajosa Revolução Cultural

PAULA SILVA RIBEIRO

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum.** Cidade do Vaticano: Vatican, 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2015.

O Papa Francisco, primeiro pontífice latino-americano da Igreja Católica e Chefe do Estado do Vaticano, lançou a Carta Encíclica "*Laudato Si'*: *Sobre o Cuidado da Casa Comum*", em um momento especial em que os países se prepararam para a 21ª Conferência do Clima (COP-21), a ser realizada em dezembro de 2015. O evento, promovido pela Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (UNFCCC), terá como principal objetivo firmar um novo acordo para diminuir a emissão de gases de efeito estufa e, em consequência, refrear o

aumento da temperatura global em 2º C até 2100. A UNFCCC é considerada a maior cúpula climática em número de participações oficiais e promete movimentar o cenário das práticas ambientais no planeta.

Essa Encíclica se propõe a ser aberta e acessível a todos aqueles que desejam integrar do grande diálogo acerca de nossa casa comum. É um convite à corresponsabilidade diante da degradação ambiental e humana. Esclarece, inclusive, que o papel a ser assumido pela Igreja não é o de sugerir uma palavra definitiva, mas o de escutar e promover o debate entre os cientistas, respeitando a diversidade de opiniões a respeito do tema.

O documento tem obtido forte repercussão e alcance, extrapolando o mundo cristão e sendo bem acolhido por líderes políticos, cientistas e

PAULA SILVA RIBEIRO

Graduada em Zootecnia pela Universidade Federal do Ceará; graduanda em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual do Ceará e membro do Observatório das Nacionalidades. fcm.paula@gmail.com

ativistas. Logo após a sua publicação, Francisco fez uma visita apostólica a Bolívia, Equador e Paraguai, em que participou do II Encontro Mundial dos Movimentos Populares. Na ocasião, ratificou que “queremos uma mudança, uma mudança real, uma mudança de estruturas. Este sistema é insuportável: não o suportam os camponeses, não o suportam os trabalhadores, não o suportam as comunidades, não o suportam os povos e nem sequer o suporta a Terra, a irmã Mãe Terra”¹.

Também o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, disse em nota divulgada pela Casa Branca²: “Dou as boas-vindas à encíclica de sua santidade papa Francisco e admiro profundamente sua decisão de expor o tema – com clareza, potência e a autoridade moral de sua posição – buscando uma ação global sobre as mudan-

ças climáticas”. Prometeu, ainda, discutir o assunto com o pontífice durante sua visita à Washington e concluiu o comunicado, afirmando: “Tenho esperança que todos os líderes mundiais reflitam sobre o apelo do Papa Francisco e atuem juntos para proteger a nossa casa comum”.

Mediante apreciação da problemática ecológica em documentos eclesiais anteriormente publicados e de uma detalhada contextualização das aceleradas mudanças no planeta, Francisco fez o apelo à união da humanidade na busca de um desenvolvimento sustentável e integral.

Inicialmente, o Papa resumiu os vários aspectos da crise ecológica, recolhendo as contribuições de pesquisas científicas, com a finalidade de sensibilizar para o problema e dar uma base concreta ao percurso ético e espiritual. Contudo, não o faz apenas para informar, mas para que todos possam tomar consciência e ousar transformar em sofrimento pessoal o que acontece no mundo.

Assevera que, hoje, precisamos reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre tem um enfoque social e que a justiça deve

1 A íntegra do discurso do Santo Padre, no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares, está disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html>. Acesso em: 20 jul. 2015.

2 Disponível em: <<http://www.jb.com.br/internacional/noticias/2015/06/18/obama-elogia-enciclica-ecologica-do-papa-francisco/>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

integrar os debates sobre o meio ambiente para ouvir tanto o clamor da terra como o dos pobres. Examina o impacto da economia e dos desequilíbrios ecológicos sobre a qualidade da vida humana e das relações sociais, bem como as consequências do desenvolvimento econômico modelado pelo mercado, correlacionando a poluição e o clima, a qualidade e a quantidade da água potável e a biodiversidade. Além disso, ele observa que os poderes econômicos continuam a justificar o atual sistema mundial, em que predominam uma especulação e uma busca de lucros que tendem a ignorar seus efeitos sobre a dignidade humana e o meio ambiente. Diz: “Muitos daqueles que detêm mais recursos e poder econômico ou político parecem concentrar-se sobretudo em mascarar os problemas ou ocultar os seus sintomas, procurando apenas reduzir alguns impactos negativos de mudanças climáticas” (§ 26). E ainda: “É previsível que, perante o esgotamento de alguns recursos, se vá criando um cenário favorável para novas guerras, disfarçadas sob nobres reivindicações” (§ 57).

Embora compreenda que existem aqueles que rejeitam a

ideia de um Criador, Francisco retoma elementos da tradição judaico-cristã, referentes à criação e ao significado do mundo e da vida, e propõe que a ciência e a religião possam entrar em diálogo intenso, já que ambas oferecem abordagens diferentes da realidade. Explica como as convicções da fé oferecem aos cristãos motivações importantes para cuidar da natureza e dos irmãos e das irmãs mais frágeis.

Francisco dedica uma extensa parte de sua encíclica a examinar qual a raiz humana da crise ecológica, atribuindo-a ao paradigma tecnocrático dominante e ao modo como a humanidade assumiu a tecnologia e o seu desenvolvimento. Ele ressalta ser preciso reconhecer que os produtos das técnicas não são neutros, criam uma trama que acaba por condicionar estilos de vida e orientam possibilidades sociais na linha dos interesses de determinados grupos.

O Papa constata que os desequilíbrios atuais têm a ver com a orientação, os fins, o sentido e o contexto social do crescimento tecnológico e econômico, desacompanhado do desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência. Reconhece que a tecnologia, quando

bem orientada, pode produzir bens realmente valiosos para melhorar a qualidade de vida das pessoas, porém considera tremendamente arriscado que essa tecnologia resida sob o poder de uma pequena parte da humanidade.

Francisco insiste em afirmar que a cultura ecológica hoje necessária não se pode reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais para os problemas que vão surgindo em torno da degradação ambiental, do esgotamento das reservas naturais e da poluição. Deveria ser uma visão, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático. É enfático ao expor que é imprescindível e iminente arrojarse numa corajosa revolução cultural, pois buscar apenas um remédio técnico, para cada questão ambiental que aparece, significa isolar coisas que, na realidade, estão interligadas e esconder os problemas verdadeiros e mais profundos do sistema mundial. Esclarece que o antropocentrismo moderno acabou por colocar, paradoxalmente, a técnica acima da realidade e que não existirá “uma nova relação com a natureza, sem um ser

humano novo” (§ 118); portanto, não haverá ecologia sem uma adequada antropologia. Ao desenvolver essa ideia, diz que não é compatível a defesa da natureza com a justificação do aborto, já que tudo está relacionado: “Se se perde a sensibilidade pessoal e social ao acolhimento de uma nova vida, ainda que sua chegada seja causa de incômodos e dificuldades, definham também outras formas de acolhimento úteis à vida social” (§ 120).

O Papa Francisco reconhece que o valor do trabalho deve ser protegido e defendido das consequências do paradigma tecnocrático, sendo necessária uma economia que favoreça a diversificação produtiva e a criatividade empresarial.

Em seguida, Francisco anuncia o tema central de sua encíclica, a ecologia integral, propondo que não se restrinja ao âmbito puramente ambiental, mas inclua dimensões abrangentes, como a cultural, a ética, a político-social, a educacional e a espiritual. Para tanto, é necessário recorrer às riquezas culturais dos povos, à arte, à poesia, à vida interior e à espiritualidade. Compreende ser “fundamental buscar soluções integrais que considerem as

interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais, pois não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única complexa crise socioambiental” (§ 139).

Ao refletir sobre o princípio do bem comum, inseparável da ecologia, enfatiza o respeito ao ser humano, com direitos fundamentais orientados para seu desenvolvimento integral, com base no bem-estar e na segurança social, adotando a opção preferencial pelos mais pobres e o princípio de subsidiariedade, que significa respeito aos círculos concêntricos de ação e autonomia, cujo centro é o próprio ser humano. Em suma, o desenvolvimento sustentável deve levar em conta uma justiça e uma solidariedade que englobem as gerações futuras.

O Papa delinea grandes percursos de diálogo com o objetivo de buscar as saídas para a espiral de autodestruição na qual estamos afundando. Primeiro, trata-se de encontrar formas eficazes de gestão internacional, numa perspectiva global e não apenas para defesa dos interesses de alguns países, isoladamente. Para o exercício dessas formas de gestão, torna-se indispensável um consenso

mundial que permita, por exemplo, desenvolver formas de energia renováveis e pouco poluidoras, programar uma agricultura sustentável e diversificada, promover uma gestão mais adequada dos recursos florestais e marinhos e garantir a todos o acesso à água potável. Segundo, assinala a urgência de novas políticas nacionais e locais. Esse percurso remete ao terceiro aspecto, o da transparência nos processos decisórios, pois a corrupção esconde o verdadeiro impacto ambiental de um projeto de troca de valores, levando a acordos ambíguos. E por fim, ressalta o diálogo entre política e economia, bem como entre as religiões e as ciências.

Seu objetivo é estabelecer padrões reguladores para a governança dos chamados “bens comuns globais”, apontando para outro estilo de vida, marcado pela superação do individualismo. Esse projeto requer instituições internacionais mais fortes e eficazmente organizadas, com autoridades designadas de maneira imparcial, por meio de acordos entre os governos nacionais e dotadas da capacidade de sancionar.

Acerca da questão democrática, Francisco reflete que, se os cidadãos não controlam o poder político – nacional,

regional e municipal –, não é possível combater os danos ambientais. Também expõe que, para um projeto político ser integral, é necessária a continuidade, porque os resultados demandam tempo e comportam custos imediatos com efeitos que não poderão ser exibidos no período de um governo. Por isso, sem a pressão da população e das instituições, haverá sempre relutância a intervir.

Sobre o progresso, o pontífice descreve que o autêntico desenvolvimento pode requerer a redução de um determinado ritmo de produção e consumo, a diminuição da marcha, a colocação de alguns limites razoáveis e até mesmo o retrocesso, antes que seja tarde demais. Trata-se de redefinir o progresso, chegando a hora de aceitar um certo decréscimo do consumo em algumas partes do mundo, fornecendo recursos para que se possa crescer de forma saudável em outras partes.

Francisco conclui sua carta falando do grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração. Aponta para outro estilo de vida, longe do consumismo obsessivo e da confusão de uma sociedade pós-moderna, que não encontrou uma nova compreensão de si mesma que a possa orientar.

Cheio de esperança, o Papa esclarece que nem tudo está perdido, porque os seres humanos, “capazes de tocar o fundo da degradação, também podem superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se” (§ 205). Ele coloca especial atenção no processo educativo como meio de transformação, chamado a criar uma cidadania ecológica e não somente gerar informações científicas.

Enfim, a voz de Francisco, através da *Laudato Si'*, tem ecoado pelos quatro cantos do mundo, provocando reflexões, desconcertando arranjos intocáveis da Igreja e da sociedade civil e propondo um novo caminho, por onde todos possam juntos assumir esta corajosa revolução cultural. Segundo **Carlos Rittl**, secretário-executivo do Observatório do Clima, “O Papa acaba por ocupar um vácuo de liderança política nesta agenda, com seu apelo moral sobre meio ambiente e a forma como tratamos a “nossa casa”³.

3 Fragmento do comentário do secretário-executivo do Observatório do Clima sobre a *Laudato Si'*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/544963-laudato-si-a-novidade-que-provoca-e-agita-a-agenda-ambiental-entrevista-especial-com-carlos-rittler>>. Acesso em: 31 jul. 2015.